

O FEITICEIRO JUDEU E A CERIMÔNIA DO CÍRCULO: MAGIA E CRIPTOJUDAÍSMO NUM PROCESSO DA INQUISIÇÃO¹

MARCOS SILVA²
ÍISIS CAROLINA GARCIA BISPO³
NILTON BRUNO FEITOSA SANTANA⁴

RESUMO: O texto representa a análise inicial de um processo movido pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa em 1724 contra um italiano, por nome João Baptista Laroca (Rocaforte), residente provisoriamente na cidade e acusado de possuir um livro manuscrito de magia cerimonial. O processo e o manuscrito descrevem em detalhes uma cerimônia que deveria ser celebrada por aqueles que desejassem o enriquecimento material. A interpretação proposta levanta a hipótese de que o caso pode ser representativo de um tipo de criptojuudeu muito comum nos tempos modernos, um adepto da cabala prática.

PALAVRAS-CHAVE: Criptojudaísmo; Cerimônia do Círculo; Cabalismo; Grimório.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, em Portugal e Espanha, se cultivou a crença de que os judeus ao serem expulsos desses países, no início dos tempos modernos, esconderam tesouros em determinados locais para serem resgatados na posteridade. Apesar de esse relato estar envolto num clima de lenda e também ser distorcido pela imaginação popular na esperança que muitos acariciam de encontrar riquezas em joias e metais preciosos, existem indícios de que esses tesouros eram constituídos de livros da cultura e religião judaicas uma vez que, em sua fuga para outros países cristãos católicos eles não poderiam levá-los consigo por conta da censura literária inquisitorial.

Ora, a crença popular não é sem fundamento de modo algum, uma vez que a tradição judaica prescreve o máximo cuidado com os livros religiosos, considerados

¹ O Texto é resultado parcial do Projeto de Pesquisa intitulado “A Cabala e a Cultura Criptojudaica na Diáspora Atlântica dos Sefarditas”, aprovado pela COPES/UFS (Comissão de Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe) e com apoio institucional da FAPITEC/SE (Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe).

² Professor Adjunto do Departamento de História e do Núcleo de Ciências da Religião da UFS (Universidade Federal de Sergipe). Líder do Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas. CNPq/UFS.

³ Licenciada em História pela UFS (Universidade Federal de Sergipe) e membro do Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas. CNPq/UFS.

⁴ Acadêmico do Curso de História da UFS (Universidade Federal de Sergipe) e Bolsista PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Membro do Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas. CNPq/UFS.

sagrados, coibindo a sua destruição ou incineração e exigindo que em cada sinagoga haja um local chamado "genizah", onde são guardados os escritos já envelhecidos que contém o nome de Adonai.

A confirmação desses fatos aconteceu em 1992, quando um "tesouro oculto" foi descoberto em Barcarrota, na Espanha. Nesse ano, um pedreiro realizava obras de reforma na secular casa localizada no número 21 de la Plaza de Nuestra Señora, no centro desse pequeno povoado da Extremadura, e deparou-se com um surpreendente conteúdo escondido por tapumes num espaço vazio existente nas paredes. Trata-se de um conjunto de livros clandestinos que foram escondidos pelo médico criptojudeu Francisco de Peñaranda, por volta do ano de 1557, nas paredes de sua casa antes de viajar para trabalhar no Hospital e Santa Casa de Misericórdia de Olivenza, em Portugal. Os livros ali permaneceram escondidos durante mais de quatro séculos⁵. (MANGAS, 2010)

Os livros emparedados ficaram conhecidos como a "biblioteca de Barcarrota" e formam um conjunto heterogêneo de onze obras que inclui dois livros de Erasmo de Roterdã (1466-1536), o humanista e filósofo holandês que questionou tanto católicos quanto protestantes, um livro de quiromancia, um de exorcismo, outro de astrologia, um escrito chamado de "Livro de Alboraique", dentre outros.

Dentre os livros dessa biblioteca clandestina chama atenção o chamado "Livro de Alboraique". Trata-se de um opúsculo, considerado por alguns como um panfleto escrito anonimamente na Espanha, pouco depois de 1488, e que tinha o pretenso objetivo de pugnar contra os conversos judeus, falsos cristãos, que viviam no seio da sociedade.

O livreto toma o nome inspirado na cavalgadura de Maomé, *Al-Burak*, que, segundo a tradição era uma criatura híbrida com características de cavalo, mulo, leão, lobo e traços dos dois sexos na qual o profeta foi transportado de Meca até Jerusalém. Assim, a metáfora central do livro procurava descrever os conversos tendo em vista que em seu interior conviviam várias características. Apesar de transparecer uma oposição

⁵ Na história da cultura universal – e, mais especificamente, da cultura portuguesa e brasileira que se viram amordaçadas durante séculos pela atuação da Santa Inquisição -, são múltiplos os exemplos de 'caça à literatura sediciosa'. Podemos considerar Portugal o pioneiro na censura literária em defesa da fé e de bons costumes. Antes mesmo da instituição da Inquisição em Portugal (1536), observamos por parte do Estado a preocupação em cercear idéias consideradas como perigosas ao regime. Em meados do século XV foi instituída a censura real através de um alvará de Afonso V, de 18 de agosto de 1451, que mandava 'queimar livros falsos e heréticos'. (CARNEIRO, 2002, 37)

aos criptojudéus, na realidade o livro podia mesmo era servir como um manual de práticas da religião proscrita.

Comentando a presença dessa obra entre os livros emparedados em Barcarrota por volta de 1557, Fernando Serrano Mangas afirma:

No es obra esa que tuviera jamás un cristiano viejo, ni muchos menos, un converso o *alboraique*. Su posesión entrañaba enorme peligro, pues se transmutaba en carta de identidad del poseedor. Ni a un converso, ni a un cristiano viejo se le hubiese pasado por la imaginación tapiar un ejemplar del raro *Alboraique* como algo querido y apreciado.

La posesión y conservación sólo puede atribuir-se, necesariamente, a un criptojudío, a alguien que en secreto persistía en la fe de sus ancestros. (MANGAS, 2010, 30).

Sobre o sentido geral dessa “biblioteca”, o autor escreveu: “Astrología, quiromancia y hechicería formaban un todo difícil de separar. El depósito de Barcarrota resulta ejemplar sobre la cuestión. Era el mismo universo científico, pseudocientífico y supersticioso – en alto grado procedente de la tradición hebrea.” (MANGAS, 2010, 27-28).

Francisco de Peñaranda recebeu a influência de duas heranças culturais que tradicionalmente cultivavam relações com a magia e o misticismo. Primeiro, a medicina, que no século XVI ainda consistia numa mistura de quiromancia, astrologia, exorcismo, conhecimento de ervas e artes médicas. De acordo com a perspectiva popular, demônios e mágicos eram frequentemente responsáveis por doenças, e a medicina era o lugar legítimo da feitiçaria. Em função disso, muitas vezes os médicos judeus eram chamados para operar milagres.⁶ (TRACHTENBERG, 2004, 4)

E segundo, do judaísmo, que se apoia num pensamento eminentemente mágico ao defender o princípio de que a performance de rituais bíblicos pode repercutir de forma dramática sobre o curso da natureza. (IDEL, 2004, 15)

Esse entendimento mágico do universo se torna mais intrínseco em se considerando a Cabala judaica. Além da secular influência sobre a cultura popular na Espanha, país onde foi escrito no século XIII por Moisés de Leon o Zohar, a partir da

⁶ Essa situação crítica do médico de origem judaica se confirma a partir do ângulo de visão do médico Brás Luís de Abreu, que lançou uma obra intitulada “Portugal Médico” (1726), na qual traça uma imagem negativa do judeu associando com a figura do feitiçeiro. “... A seu ver, muitos se fingem de médicos e são: os Idiotas, os Vagabundos, os Judeus, os Barbeiros, os Soldados, os Feitiçeiros, os Benzedores, e todos os mais impostores e cícunforâneos, revelando-se, deste modo, lobos que matam e roubam.” (GARCIA, 2006, 16)

fecundação de idéias advindas de Safed, cidade localizada na Palestina e que abrigou o principal centro de estudos cabalistas em meados do século XVI, o cabalismo espalhou-se entre as comunidades de criptojudeus servindo como principal instrumento de acobertamento simbólico de suas reais intenções religiosas.

Assim, a experiência da biblioteca clandestina do médico criptojudeu torna-se um antecedente significativo para a análise do caso de um acusado perante o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, em Maio de 1724, de ser judeu e possuir um livro de magia cerimonial intitulado, *Clavícula Salomonis*.⁷

O acusado chamava-se João Baptista Laroca (Rocaforte), de origem italiana e, embora negasse as acusações, demonstrou o comportamento típico de um cristão-novo judaizante, conforme evidenciam os indícios de seu processo. Estaria ele resgatando parte desse tesouro ancestral?

O RITUAL DO CÍRCULO E SEU FUNCIONAMENTO

Quem foi João Baptista Laroca (Rocaforte)? Segundo as informações colhidas no Processo, à época em que foi denunciado tinha trinta e quatro anos, era feio, alto e de cabelos pretos e compridos, usava uma barba da mesma cor. Costumava viajar pelo Mar Mediterrâneo, pois fora empregado da Companhia da Córsega, a serviço de Gênova, desempenhando os ofícios de artilheiro e contratador. Era um viajante.

Segundo informou ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, nas suas andanças estivera em Múrcia, no sudeste da Espanha. Essa é uma região com forte influência mourisca, notadamente na Arquitetura e nos costumes. Foi nessa cidade que conheceu um homem “de nação”, ou seja, cristão-novo, chamado Caetano com quem se identificou, tratando-o com "familiaridade de amigo". Os dois conversaram sobre um manuscrito, com vinte e uma páginas, contendo círculos, astros, signos e outros artifícios místicos. Assim, na sua explicação, teria sido por meio desse cristão-novo que ele teve acesso a esse manuscrito.

Mas, essa é uma informação que precisa ser submetida a uma análise crítica. Qual a natureza desse manuscrito? Seria mesmo o famoso grimório "Clavícula de

⁷ Processo de João Baptista Laroca - 20/05/1724 - 30/10/1724 - PT-TT-TSO/IL/28/3319.

Salomão"⁸? O interessante é que, depois da prisão de João Baptista Laroca (Rocaforte), agentes da Inquisição foram ao "Beco das Tábuas", na Freguesia de São Paulo, local da moradia do réu, em busca do referido texto.

A freguesia de São Paulo, próxima da área portuária, que se encontrava na chamada Lisboa ribeirinha, divisão administrativa da cidade de Lisboa que abrigava em torno de quatro mil moradores na primeira metade do século XVIII, parece que funcionava como *locus* privilegiado para abrigar o tipo de pessoa, aventureiro e estrangeiro, descrito no processo inquisitorial aqui apresentado.

Esta freguesia foi criada em 1566 exatamente por conta do alto fluxo populacional advindo da atividade mercantil, pós-descobrimento, sendo possível salientar que, com o desenvolvimento do comércio nas zonas portuárias, muitos dos cristãos-novos residentes em Lisboa optaram por viver nas zonas ribeirinhas, locais de efervescência econômica.

A busca dos enviados da Inquisição resultou infrutífera, mas, posteriormente um vizinho dirigiu-se aos Estaus, palácio sede do Santo Ofício da Inquisição em Lisboa, e entregou os pergaminhos às autoridades inquisitoriais. O material foi incorporado ao processo.

No início do século XVIII, devido à própria repressão do *Index Librorum Prohibitorum*, a quantidade de literatura clandestina que existia na Europa Ocidental devia ser significativa. Assim, apesar de um livro como a "Clavícula de Salomão" não ser uma obra tão comum, cópias impressas e manuscritas circulavam sigilosamente.

O que causa estranheza no manuscrito apreendido, escrito em latim, é o seu conteúdo reduzido. Obviamente, não se trata de toda a obra. Seria apenas um excerto? Ou seria aquilo que a própria obra chama de "o livro das sombras"?

Na explicação da versão atual da Clavícula de Salomão, "o Livro das Sombras não é uma obra literária, que possa ser comprada nas lojas, mas um caderno de anotações, uma agenda de magia estritamente pessoal." (CLAVÍCULA DE SALOMÃO, 2006, 120).

Ora, o exame detido do manuscrito de vinte e uma páginas, entregue por um vizinho do réu ao Tribunal do Santo Ofício enquanto o mesmo se encontrava preso, revela que o conteúdo do mesmo se dedica sobretudo "ao círculo e seu funcionamento".

⁸ De acordo com o dicionário Houaiss um "grimório" é um "livro de fórmulas mágicas usado por feiticeiros". Segundo a etimologia da palavra, a partir do francês *grimoire* (XIII) 'id.', alt. de *grammaire* 'gramática', especificamente a gramática latina, ininteligível para o povo.

Trata-se, portanto, de um manual prático de execução de uma cerimônia mágica. Esse seria o "Livro das Sombras" de João Baptista Laroca (Rocaforte)?

A denúncia foi feita por dois homens, Miguel Mileti e Caetano Barrilaso, naturais da Sicília. Eles comparecem aos Estaus e declararam que em conversas ocorridas em uma estalagem na qual faziam negócios, João Baptista Laroca (Rocaforte) informara-lhes que protagonizava um ritual de magia com o objetivo de obter riquezas materiais.

As orientações para a execução do rito se encontravam no manuscrito que o acusado levava consigo. A cerimônia deveria iniciar-se uma hora antes do amanhecer. O primeiro ato era a leitura de um livro que os denunciantes não recordavam o nome, pelo menos assim o disseram. Após isso era proferida uma missa consagrada ao Espírito Santo, estando presente o evangelho e um pergaminho que continha o pedido de todos os participantes do rito. Havia também um pouco de água benta do sábado santo e óleo dos enfermos. O celebrante saía ao campo e entrando em um círculo com o livro misterioso na mão, acontecia o fenômeno chave, o aparecimento do demônio em forma de mulher, em seguida em forma de leão e, somente quando fazia sua terceira aparição, em forma de homem, é que se podia pedir o que se almejava.

O segundo denunciante, Caetano Barrilaso, afirmou que o ritual era tão eficaz que todos que o praticavam conseguiam aquilo que pretendiam.

No manuscrito incorporado ao processo estão desenhados sete círculos, um para cada dia da semana. Cada círculo tem um arcanjo regente e cada arcanjo regente está associado a um planeta diferente. Segundo a Clavícula de Salomão quando se faz um ritual o dia da semana deve ser observado para que possa invocar o arcanjo no dia e na hora em que o mesmo tem o poder absoluto. (CLAVÍCULA DE SALOMÃO, 2006).

Por exemplo, Lunedì que corresponde à Segunda-feira é o dia regido pelo Arcanjo Gabriel e a correspondência planetária é a Lua. Martedí que é a Terça-feira é regido pelo Arcanjo Samael e a correspondência planetária é Marte. Abaixo segue uma tabela com o dia da semana, o planeta e os arcanjos correspondentes, como são descritos no manuscrito anexado ao processo:

Dia da Semana	Planeta Regente	Arcanjo
Domingo	Sol	Miguel

Segunda-feira	Lua	Gabriel
Terça-feira	Marte	Samael
Quarta-feira	Mercúrio	Rafael
Quinta-feira	Júpiter	Saquiél
Sexta-feira	Vênus	Anael
Sábado	Saturno	Cassiel

É interessante notar que no manuscrito que aparece no processo os arcanjos Miguel e Rafael devem ser invocados nos dias de Domingo e Quarta-feira, respectivamente, enquanto na Clavícula de Salomão eles devem ser invocados em sequência inversa, nos dias de Quarta-Feira e Domingo.

Dentro dos círculos do manuscrito vemos letras e palavras em latim, em grego e em hebraico. Na Clavícula de Salomão os idiomas utilizados são o Celestial, o Malaquim, o de Passagem e o dos Magos. Interessa saber que todos eles são variantes do hebraico antigo e que o idioma hebraico sempre foi o mais utilizado na magia Ocidental. É difícil afirmar com toda a certeza qual idioma mágico era utilizado no *Clavicula Salomonis*, pois, mesmo que chegássemos a uma conclusão esbarraríamos na dúvida da possibilidade deste idioma mágico ter mudado com o passar do tempo. Assim, a troca dos dias de invocação dos Arcanjos pode ser explicada devido a modificações operadas nos meios ocultistas com o passar dos anos. Isso porque a Magia Ocidental tem um caráter extremamente mutável uma vez que se apega a hipóteses que são tomadas como verdade quando postas em prática, mas que podem ser modificadas com a experiência posterior. (FIELDING, 2010).

Logo na primeira página do manuscrito encontra-se uma breve preparação que consiste em modificar algumas atitudes. Nove dias antes de fazer o ritual, o mago evita ter contato sexual com mulheres. As versões modernas da Clavícula de Salomão também estabelecem nove dias de preparação antes do mago executar o ritual, porém, o que deve ser evitado é diferente, não faz nenhuma menção à proibição de relações sexuais. Devem ser evitados os excessos e as palavras vãs e qualquer tipo de discussão inútil. Manter a moderação ao falar, comer, beber e ser decente em toda a sua conduta.

Segundo o manuscrito, deve ser usado um vaso que nunca tenha sido utilizado na ocasião da magia. O mago deveria ter em mãos água benta para aspergir sobre o

círculo e queimar incenso com a finalidade, provavelmente de purificá-lo, de santificá-lo.

Há ainda admoestações para conjurar espíritos rebeldes e das “ladainhas” que se devem fazer para atrair sua presença. Essas admoestações são importantes uma vez que conjurar espíritos rebeldes faz parte da função dos pentáculos que são mencionados também na primeira página. Os pentáculos são feitos para incutir temor aos espíritos e colocá-los sob a total obediência do mago.

Para se ter uma noção do poder do pentáculo⁹ os espíritos invocados obedecerão o portador do mesmo sem nenhum tipo de recusa. De acordo com a finalidade do ritual, o pentáculo poderá ser símbolo de qualquer um dos astros que regem o universo e que foram explicados acima.

Visto que na *Clavícula de Salomão* cada astro é habitado por gênios, ou espíritos, o pentáculo do ritual fará menção à invocação destes espíritos. É de igual importância observar que todos os elementos denunciados pelos delatores, isto é, a água benta, o círculo, o livro, a missa feita ao Espírito Santo estão presentes logo no início da *Clavícula Salomonis*. São procedimentos e objetos sagrados que o mago deveria ter em suas mãos.

INTERPRETAÇÃO DO RITUAL

O que simbolizava o círculo no ritual acima descrito? A simbologia do círculo é rica e está presente nas mais variadas tradições religiosas e místicas. O símbolo constitui uma antiga tradição mágica, cuja origem é o “círculo encantado” ou “círculo de proteção” que foi preservada em inúmeras tradições populares. O objetivo é criar uma área protetora ao redor do centro que é o templo sagrado, evitando um vazamento de forças mágicas ou preservá-las; em suma, para as tradições mágicas, o círculo tem a função de delimitar uma área sagrada, um verdadeiro templo. (JUNG; WILHELM, 1983).

No processo de João Baptista Laroca (Rocaforte) existem indícios de que, provavelmente, o ritual do círculo conforme acima descrito, possuía um significado mais amplo. Segundo os denunciadores, o réu afirmara que possuía um livro intitulado

⁹ Chamados também como medalhas da Arte, os pentáculos são símbolos com natureza mística e são feitos para incutir temor aos espíritos e colocá-los sob a total obediência do mago.

“Carcanho de Adamo”, o qual continha, por artes diabólicas, o segredo de alguns tesouros, como o de fazer a “pedra filosofal”.¹⁰

Essa menção explícita a um dos grandes objetivos dos alquimistas ajuda a aproximar a interpretação do desenho do círculo no ritual, pretensamente praticado por João Baptista Laroca (Rocaforte), de um dos principais símbolos dos alquimistas, a chamada *quadratura circuli*, que, segundo Carl Gustav Jung, nada mais é que uma mandala.¹¹

Existe na magia cerimonial um ritual básico chamado “A Cruz Cabalista”. Trata-se de um ritual que o praticante tem que fazer sozinho e diariamente, com o objetivo de ratificar a presença do Espírito de Deus em todos os seres humanos e no universo, servindo como uma ligação entre o mago e o universo. Além de traçar uma cruz de braços iguais no peito, desenha-se um círculo de 1,80 m de diâmetro e somente depois o ritual tem prosseguimento. O que mais importa é que esse ritual, descrito muitas vezes como um dos mais importantes e amplamente conhecido nos meios ocultistas, faz uma forte menção à prática da mandala, o traçar do círculo sagrado presente na cabala prática. (FIELDING, 2010)

A questão central é: seriam esses rituais, de fato, conhecidos e praticados pelos cristãos-novos? Qual a proximidade entre os círculos sagrados descritos nos livros de cabala prática e o descrito no processo estudado? Investigando o caso chega-se a algumas comparações.

No caso de João Baptista Laroca (Rocaforte), os indícios apontam para uma prática de alquimia cabalística. Qual seja, os rituais de circunambulação¹² que estavam presentes entre os cabalistas. Por exemplo, em Safed, na palestina, ao chegarem à Sinagoga, por ocasião do culto público, eles realizavam uma cerimônia que consistia em dar 7 (sete) voltas ao redor da arca central recitando os versos do Salmo 67. Essa circunambulação tinha um significado místico: o devoto, incorporando o divino

¹⁰ Processo de João Baptista Laroca - 20/05/1724 - 30/10/1724 - PT-TT-TSO/IL/28/3319.

¹¹ Segundo o dicionário Houaiss mandala é um “diagrama composto de formas geométricas concêntricas, utilizado no *hinduísmo*, no *budismo*, nas práticas psicofísicas da *ioga* e no *tantrismo* como objeto ritualístico e ponto focal para meditação [Do ponto de vista religioso, o mandala é considerado uma representação do ser humano e do universo; em sua forma menos elaborada, é denominado iantra.] segundo a teoria junguiana, círculo mágico que representa simbolicamente a luta pela unidade total do eu. Segundo Jung, “os mandalas não se difundiram somente através do Oriente, mas também são encontrados entre nós. A Idade Média e em especial a baixa Idade Média é rica de mandalas cristãos.”. (JUNG; WILHELM,)

¹² Circumambulatio não é apenas o movimento em círculo, mas a delimitação de uma área sagrada e a ideia de fixação e concentração de uma fonte de energia de vida. A circum-ambulação guarda em si essa dualidade de delimitação e concentração.

masculino, circulava ao redor do altar de leitura, que simbolizava o divino feminino (Malkhut), sete vezes, com o propósito de facilitar o divino *hieros gamos* e a iluminação pessoal. (FINE, 2003).

Outros personagens contemporâneos de João Baptista Laroca (Rocaforte) que estiveram sob o poder do Tribunal do Santo Ofício na primeira metade do século XVIII, demonstram como o misticismo de influência cabalística existia entre os acusados de criptojudaísmo. São os casos de Pedro de Rates Henequim (1689-1744) e Antônio José da Silva (1704-1739). O primeiro tornou-se bastante conhecido pela sua cosmologia explicada no trabalho de Plínio Freire Gomes, *Um Herege vai ao Paraíso: Cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. O segundo escamoteou em símbolos e mitos tradicionais incorporados às suas peças de teatro, uma mensagem com conteúdo intrinsecamente cabalístico. De tal forma que existia entre os judeus da diáspora, praticantes da Cabala, até mesmo um proselitismo velado.

Na realidade, a vida de perambulações de João Baptista Laroca (Rocaforte) ao redor da bacia do Mediterrâneo, levando consigo um livro ou manual de magia cerimonial e discutindo com alguns circunstantes seu conteúdo, note-se que ele mesmo afirmou que o tal Caetano que encontrara na viagem era "de nação", evoca a figura do "andante" que se dedicava ao trabalho de difusão da cultura proscrita dos sefarditas, numa atitude de premeditada resistência cultural. Não é a toa que o D. Quixote de La Mancha escrito por Antônio José da Silva, o maior símbolo de andante da literatura, é um cavaleiro que se dedica ao trabalho de "desencantar" as pessoas.

Era costume entre os criptojudeus a existência de personagens que se arriscavam em viagens com o intuito de disseminar os conhecimentos judaicos às pessoas de origem sefardita. São mencionados por Elias Lipiner os casos de Izaque de Castro Tartas, Francisco Pardo e Joseph Coem. Segundo ele, "era comum àquele tempo (século XVII) o envio de mensageiros para introduzir ou aviventar o culto judaico no meio dos cristãos-novos dele afastados." (LIPINER, 1992: 54). O perfil desses personagens é muito similar ao de João Baptista Laroca. Eram eruditos, conhecedores de várias línguas, sempre envolvidos em viagens de negócios.

CONCLUSÃO

Os indícios encontrados, através da análise do processo, para sustentar a hipótese de que João Baptista Laroca (Rocaforte), denunciado ao Tribunal do Santo

Ofício de Lisboa em 1724, era um criptojudeu adepto da cabala prática são muitos e se tornam significativos à luz do contexto amplo do movimento de resistência cultural dos sefarditas.

O importante é observar que as práticas mágicas descritas no processo de João Baptista Laroca (Rocaforte) são costumes presentes na magia judaica desde os tempos da Idade Média. Desde esse período o judeu foi considerado como um referencial simbólico na magia e na prática da feitiçaria. Segundo Nelson Omegna, a magia era atribuída no mundo medieval europeu como uma atividade de especialização judaica, na qual, quase todas as soluções mágicas recorriam às formulas e caracteres hebraicos.

O interessante é que a feitiçaria vai se desenvolver no renascimento com um novo arcabouço, no qual, vai ascender à categoria de uma prática erudita entre os intelectuais europeus com destaque para os judeus. Segundo Moshe Idel (2004), durante o renascimento ocorreu uma “era de ouro” da síntese entre magia e Cabala, no período entre 1470 e 1570.

Francisco de Peñaranda absorveu esse ambiente cultural, com um adendo; a cultura sefardita estava fortemente enraizada no cabalismo, que foi reforçado ainda mais com a influência vinda de Safed, especialmente da chamada cabala prática, tanto de R. Moshe Cordovero, quanto de R. Isaac Luria, exatamente em meados do século XVI.

Em que medida esse caldo cultural influenciou João Baptista Laroca (Rocaforte)? Notadamente em se considerando que foi através da Itália que a influência da comunidade cabalística de Safed, especialmente da obra de R. Isaac Luria, espalhou-se pelo mundo, a partir do século XVII?

Além dos indícios mais sutis que sustentam a hipótese da origem criptojudaica dele, como são os detalhes do uso da barba, frequente entre os judeus religiosos, do tratamento fraterno dispensado a um indivíduo “de nação”, do fato de ser oriundo do norte da Itália, região que tradicionalmente abrigou sefarditas, de residir em Lisboa numa freguesia densamente habitada por comerciantes de origem judaica, de ser acusado formalmente de ser judeu, embora o negasse, e de praticar rituais associados à Cabala prática, a cerimônia do círculo conforme analisada nesse texto e que muito provavelmente ele celebrava, está presente na tradição mágica judaica desde a antiguidade. Além disso, a posse do grimório ou “livro das sombras” também é um costume judaico primitivo tendo em vista que os judeus possuem uma versão ancestral da *Clavicula Salomonis*, intitulada Sefer Raziel, um grimório de Cabala prática que data, pelo menos, do século XIII da era comum.

FONTES

Processo de João Baptista Laroca - 20/05/1724 - 30/10/1724 - PT-TT-TSO/IL/28/3319.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros Proibidos, Ideias Malditas: O Deops e As Minorias Silenciadas**. São Paulo: Estação Liberdade; Arquivo do Estado, 2002.

CLAVÍCULA de Salomão: As chaves da magia cerimonial / organização e apresentação Irene Líber. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

FAINGOLD, Reuven. **Aviziboa: a feiticeira judia de Torres Vedras em 1492**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG – Volume 1., n.3, 2008.

FINE, Lawrence. **Physician of the Soul, Healer of the Cosmos: Isaac Luria and His Kabbalística Fellowship**. Stanford, California: Stanford University Press, 2003.

GARCIA, Maria Antonieta. “O drama de Brás Luís de Abreu - o médico, as malhas da Inquisição e a obra”. IN: **Medicina na Beira Interior da Pré-História ao século XXI**, Cadernos de Cultura n° XX, Castelo Branco, Novembro, 2006.

GOMES, Plínio Freire. **Um Herege vai ao Paraíso: Cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOUAISS, Antônio. VILAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

IDEL, Moshe. In: TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish Magic and Superstition: A study in folk religion**. Philadelphia, Pennsylvania: University Of Pennsylvania Press, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

JUNG, C. G.; WILHELM, R. **O Segredo da Flor de Ouro: Um livro de vida chinês**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

MANGAS, Fernando Serrano. **El Secreto de los Peñaranda: El universo judeoconverso de la Biblioteca de Barcarrota. Siglos XVI y XVII**. Badajoz: Alborayque Libros; Junta de Extremadura, 2010.

OMEGNA, Nelson. **Diabolização dos Judeus: “Martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial”**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1969.

TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish Magic and Superstition: A study in folk religion**. Philadelphia, Pennsylvania: University Of Pennsylvania Press, 2004.

II Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Salvador, setembro de 2013